

---

## *O Pasquim e Gaiola Aberta: um retrato gráfico das redemocratizações de Brasil e Portugal<sup>1</sup>*

Vinícius Zuanazzi<sup>2</sup>  
Universidade do Minho, Braga, Portugal

### **RESUMO**

Este trabalho combina as teorias da imagem e do imaginário com a semiótica social (sócio-semiótica) multimodal, buscando compreender questões sociais e políticas, com ênfase nos aspectos discursivos e visuais das problemáticas. O objeto da investigação é constituído pelo grafismo de dois periódicos que despontaram por sua vanguarda no campo das mídias alternativas de Portugal (*Gaiola Aberta*) e Brasil (*O Pasquim*), em dois momentos de mudança sociopolítica nestes países: a Revolução de 25 de Abril de 1974 e a campanha das Diretas Já. Tendo isto em mente, buscamos aproximações e distanciamentos entre estas duas mídias alternativas intensamente gráficas que retrataram períodos de redemocratização em seus países. Para este recorte, optamos pela escolha das capas dos periódicos, por serem simbólicas no que tange a aura das publicações e tendo em vista a importância dada a este elemento jornalístico pela *Gaiola Aberta* e pel’*O Pasquim*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica Social; Diretas Já; 25 de Abril; *O Pasquim*; *Gaiola Aberta*

### **Introdução**

O jornal *O Pasquim* e a revista *Gaiola Aberta* foram cronistas gráficos de seus tempos. Ambos periódicos intensamente ilustrados, registraram recortes temporais por meio de cartuns e fotomontagens. *O Pasquim* foi atuante pela volta das eleições diretas no Brasil durante o movimento popular conhecido como *Diretas Já*, com a esperança do fim de uma Ditadura Militar que vigorava desde abril de 1964. A *Gaiola Aberta*, por sua vez, foi um produto do cartunista José Vilhena - figura ativa no combate à ditadura do Estado Novo, que permeou Portugal por quase todo o século XX, sendo a mais duradoura de toda a Europa ocidental neste período. Com a Revolução de 25 de Abril de 1974 e o final do regime antidemocrático, Vilhena surgiu com a sua revista *Gaiola*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando bolsista da FCT/Portugal (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (Portugal). Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil), e licenciado em Jornalismo pela mesma Universidade. Pesquisador membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS/UMinho). E-mail: [zuanazzivinicius@gmail.com](mailto:zuanazzivinicius@gmail.com).

---

*Aberta*, retratando esse período da história portuguesa que significou um divisor de águas no contexto sociopolítico e cultural do país.

As ebulições políticas de Brasil e Portugal ao final de suas longas ditaduras mereceram um olhar crítico e humorístico destas duas mídias alternativas (ATTON, 2002; CHINEM, 2004; FUCHS, 2010; KUCINSKI, 2018) que existiram à margem dos grandes conglomerados midiáticos de cada país, sempre apostando no humor gráfico (BERGSON, 1983; BAKHTIN, 1996) como forma de contestação do poder (BOURDIEU, 1994; FOUCAULT, 1987).

### ***O Pasquim, Gaiola Aberta e as redemocratizações***

Neste trabalho, a título de recorte temporal do corpus, focamos nossa análise sócio-semiótica multimodal em duas capas do jornal *O Pasquim*: uma referente ao ano de 1983, quando se iniciam as Diretas Já, e outra proveniente de 1985, quando já derrotadas as Diretas, a ditadura brasileira chegou ao final por meio de uma eleição indireta. Quanto à revista portuguesa *Gaiola Aberta*, concentramos nosso foco também em duas capas: uma de 1974 retratando a Revolução de 25 de Abril, e outra de 1976, quando Portugal terminou seu processo revolucionário e instituiu oficialmente um regime democrático pluripartidário e com sufrágio universal. Dessa forma, temos um retrato do início e do fim de cada ruptura sociopolítica.

A semiótica social multimodal se mostra adequada a este trabalho à medida que interliga, compara e contrasta os modos semióticos, explorando o que têm em comum e no que diferem (VAN LEEUWEN, 2005). Acreditamos que o sistema social é um conjunto de sistemas semióticos (MARTINS, 2017). No presente caso, temos as imagens e os textos que se interligam nos periódicos selecionados e que iremos decodificar com os modelos de análise multimodal da sócio-semiótica. Seja durante os desdobramentos do 25 de Abril em Portugal, ou a redemocratização no Brasil, na *Gaiola Aberta* e n' *O Pasquim* encontramos uma ponte que nos reencontra com o passado e conduz nossas percepções a respeito de um contexto histórico determinado. O viés encontrado é contra-hegemônico e possibilita uma compreensão para além da grande mídia ou do discurso oficial dos dois Estados ditatoriais vigentes à época.

O presente estudo voltará suas atenções para um elemento de importância para os periódicos da mídia impressa: suas capas. Desta forma, destaca-se que estas são peças que têm, em si, a aura que dá o tom das publicações, carregadas de conteúdo

gráfico. As capas configuram um mundo próprio de códigos e representações. Os periódicos escolhidos para delimitação de investigação deste estudo destacam-se pelo seu grafismo contestador, propositalmente combinando ilustrações e textos, demandando uma análise multimodal semiótica (MARTINS, 2017; KRESS, 2010; KRESS & VAN LEEUWEN, 2006; VAN LEEUWEN, 2005), apoiada pelas teorias da imagem e do imaginário (DIDI-HUBERMAN, 2012; BELTING, 2010; VILLAFANE, 2006).

As imagens e os textos analisados conversam com outros elementos das práticas sociais, denotando relações de poder e ideologia. As efemérides aqui postas aproximam-se pelos contextos de ruptura nos andamentos políticos nacionais, mas distanciam-se por seus resultados: a Revolução de 25 de Abril deu início a um processo de verdadeira democratização portuguesa, decretando o final da ditadura do Estado Novo, que comandava o país por 41 anos, desde 1933. Já a redemocratização brasileira resultou em uma eleição indireta, que decidiria o primeiro mandatário civil após 21 anos de Ditadura Militar, uma espécie de adiamento do sonho democrático que tardava uma vez mais a chegar.

Desta forma, a partir destes contextos sociopolíticos, a semiótica social possibilita uma análise aprofundada do visual e do verbal dos referidos produtos gráficos, tendo em consideração os recortes territoriais e temporais aqui traçados, assim como as condições de produção discursivas. Buscamos compreender tais efemérides por meio do olhar do jornal e da revista e, posteriormente, construímos uma análise comparativa entre as peças do corpus, a fim de compreender aproximações e diferenças entre elas.

### **Considerações parciais**

As atuações da *Gaiola Aberta* e de *O Pasquim* foram baseadas no humor. Ambos os periódicos se utilizaram do humor como ferramenta para críticas sociais. Valiam-se do deboche em tempos de crise. Eram críticos, mas sem deixarem os chistes de lado. Conforme a concepção de Freud (2017), o chiste tem um caráter transgressor e está ligado a um processo essencialmente social. Ri-se em grupo de algo ou de alguém, e a partir de então existe um sentimento de identificação entre os que estão inseridos nesse grupo. Além disso, como observado por Freud (2017), o chiste demanda a existência de três elementos: o emissor, o receptor e o objeto do riso. Pode-se dizer que,

---

nos desenhos publicados na *Gaiola Aberta* e em *O Pasquim*, os cartunistas representam a primeira pessoa - aquela que concebe a peça humorística - seguidos por um segundo elemento inserido nas ilustrações (os personagens e suas alegorias), produzindo, por fim, humor à terceira pessoa que se encontrava personificada nos leitores. Freud (2017, p. 204) define que “o processo psíquico da formação do chiste não parece encerrado quando ele ocorre a alguém; resta algo, que completará o desconhecido processo de formação do chiste com sua comunicação a alguém”.

De acordo com Bergson (1983), o humor está relacionado à quebra do andamento natural da vida, algo que foge ao esperado nas rotinas comuns dos seres-humanos. É, portanto, um fenômeno que conversa com o inesperado, com a quebra do natural e resulta em um humor fantástico, por vezes grotesco, como observamos nesta revista e neste jornal. *Gaiola Aberta* e *O Pasquim* publicavam cartuns com o objetivo de provocar o riso ao leitor. Com suas produções gráficas humorísticas os periódicos reproduziam o quê, para Freud (2017), são os chistes, utilizados especialmente para possibilitar a agressividade ou a crítica contra os poderosos, ou seja, indivíduos (e seus ideais) que representam a autoridade.

O ser-humano é um animal que, além de rir, faz rir conscientemente (BERGSON, 1983). Essa capacidade nos difere dos demais animais e é intrínseca ao comportamento humano desde seus primórdios. Humoristas politizados, como Vilhena na *Gaiola Aberta* e a turma de *O Pasquim*, aproveitam-se dessa capacidade para difundir suas mensagens. O chiste pode ser elaborado como uma técnica de insulto que busca, através do humor, dirigir alguém (leitor) contra o inimigo: “Ao fazer deste (inimigo) uma pessoa pequena, inferior, desprezível, cômica, obtemos, por uma via indireta, a satisfação de sobrepujá-lo - algo que o terceiro, que não fez nenhum esforço, confirma com seu riso” (FREUD, 2017, p.148). O chiste permite encontrar algo de ridículo nos desafetos, atingindo-os de maneira perspicaz, para além da violência física ou verbal. Dessa forma, o humor gráfico foi a subversão necessária para estes periódicos alternativos registrarem os momentos finais de ditaduras em seus países e o renascimento das democracias.

## REFERÊNCIAS

ATTON, C. **Alternative media**. Sage Publications, 2002.

- 
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais.** Hucitec, 1996.
- BELTING, H. **Antropología de la imagen.** Katz, 2010.
- BERGSON, H. **O riso: Ensaio sobre a significação do cômico.** Zahar, 1983.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Difel, 1994.
- CHINEM, R. **Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira da ditadura à internet.** Disal, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente.** Contraponto, 2013.
- FUCHS, C. Alternative media as critical media. **European Journal of Social Theory**, 13(2), pp.173 - 192, 2010.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREUD, S. “O chiste e sua relação com o inconsciente”. In: **Obras completas.** Companhia das Letras. vol. 7. 2017 [1905].
- KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. **Reading images: The grammar of visual design.** Routledge, 2006.
- KRESS, G. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication.** Routledge, 2010.
- KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da Imprensa Alternativa.** Edusp, 2018.
- MARTINS, M. L. **A linguagem, a verdade e o poder: Ensaio de Semiótica Social.** Húmus, 2017.
- VAN LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics.** Routledge, 2005.
- VILLAFANE, J. **Introducción a la teoría de la imagen.** Pirámide, 2006.